

Aula 2

IDENTIDADE E CULTURA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

META

Discutir os conceitos referentes à identidade, associando-os aos de cultura, de modo que seja possível compreender de que forma a identidade e a cultura estão relacionadas, bem como a importância em conhecer esses conceitos para que o processo de ensino-aprendizagem em LE estabelecido em sala de aula não crie estereótipos e não colonize a mente dos alunos.

OBJETIVOS

At the end of this class, it is expected that the students:

- Apresentar os conceitos de identidade;
- Discutir termos pertinentes ao tema, como, por exemplo, supermercado cultural e comunidades guarda-roupa;
- Analisar os efeitos da globalização e da glocalização para a sociedade e para nossas práticas educativas;
- Compreender de que forma as discussões sobre cultura e identidade impactam nas práticas educacionais estabelecidas nas aulas de LE.

PRERREQUISITOS

Ter conhecimento acerca dos conceitos de cultura e do modo pelo qual a cultura pode ser analisada quando da associação com o contexto educacional.

Elaine Maria Santos
Rodrigo Belfort Gomes

INTRODUCTION

Nesta aula, os alunos entrarão em contato com os conceitos de identidade e a sua relação com a cultura, de modo que possa ser compreendido de que forma o contato com culturas diferentes impactam no processo de (re) reconstrução de identidades, considerando-se que a interação com o outro faz com que o processo de identificação e pertencimento seja remodelado.

Para que as questões relacionadas à identidade possam ser melhor assimiladas pelo aluno, é importante analisar alguns termos, como, por exemplo, supermercado cultural e comunidades guarda-roupa, na medida em que tais expressões se referem ao fenômeno verificado quando as situações, fatos, notícias, hobbies, etc, tornam-se atrativos para a sociedade, mesmo que de forma rápida e efêmera, sendo possível a substituição por outros interesses com a mesma frequência com a qual escolhemos produtos diferentes no supermercado ou trocamos de roupa.

Será analisado, também, o efeito homogeneizador exercido pelas comunidades ocidentais, principalmente os Estados Unidos, e de que forma as sociedades internalizam os produtos vindos do ocidente ou reforçam tradições locais, sendo possível compreender as forças da globalização e da glocalização, ao trazer esses conceitos para as situações educacionais.

Estude os conteúdos dessa aula com dedicação e afinco. Siga todas as orientações e aproveite essa jornada pelo mundo da globalização! Atividades complementares serão propostas de forma oportuna, ao longo da aula, pelo coordenador dessa disciplina.

Bons estudos e um excelente trabalho a todos.

Antes de começar a segunda aula, é importante que você tenha compreendido o que é cultura e de que forma ela é aprendida, socialmente construída e dinâmica. Se esse conhecimento ainda não está totalmente assimilado, recomendo que retorne à aula 01 e releia todo o material.

Para entender melhor o papel do ensino de língua inglesa envolto em um ambiente que privilegia as questões culturais e identitárias, é importante entender os conceitos de cultura e identidade, uma vez que estes se encontram totalmente relacionados. Na aula 01, nós nos concentramos no entendimento do que é cultura e de que forma as questões culturais estão relacionadas com o processo de ensino aprendizagem de uma língua estrangeira. Na aula 02, vamos discutir um pouco sobre o que é identidade e o motivo pelo qual nós, professores de LE, precisamos nos preocupar com as questões identitárias quando da preparação de nossas aulas.

De acordo com Hall (2011), o mundo globalizado estreitou as distâncias entre os mais diversos países, e a questão espacial passou a ser atravessada pela temporal. Ou seja, em questões de segundos, conectamo-nos a vários países, através dos meios de comunicação e da internet, de modo que não precisamos estar fisicamente em um local para vivenciar as experiências e

práticas de um povo. Tem-se, assim, uma aproximação dos indivíduos frente a uma nova realidade de mundo interconectado. “Essas novas características temporais e espaciais, que resultam na compressão de distâncias e de escalas temporais, estão entre os aspectos mais importantes da globalização a ter efeito sobre as identidades culturais” (HALL, 2011, p. 67-68).



<https://avadel.files.wordpress.com>

As identidades sofreram uma remodelagem, juntamente com a sociedade, ao deixarem de ser fixas e estáticas. As identidades culturais nacionais, inculcadas no indivíduo desde o início da sua vida, fazendo dele um “verdadeiro inglês, alemão ou francês”, trabalhavam a partir das representações culturais que formavam uma nação e assim gerava um sentimento de pertencimento à essa comunidade simbólica. A lealdade e a identificação desses indivíduos para com essa nação são elementos modernos que aconteciam como forma de fortalecimento da cultura nacional, ao mesmo tempo que prescrevia regras, elegia uma língua como oficial, homogeneizava a cultura e moldava o sistema escolar e o conhecimento.

O “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade” (BAUMAN, 2005, p. 17).

Quando pensamos no século XVIII, contudo, momento de consolidação das identidades nacionais, falar em identidade significava falar justamente o oposto do que presenciamos com as identidades culturais. As identidades

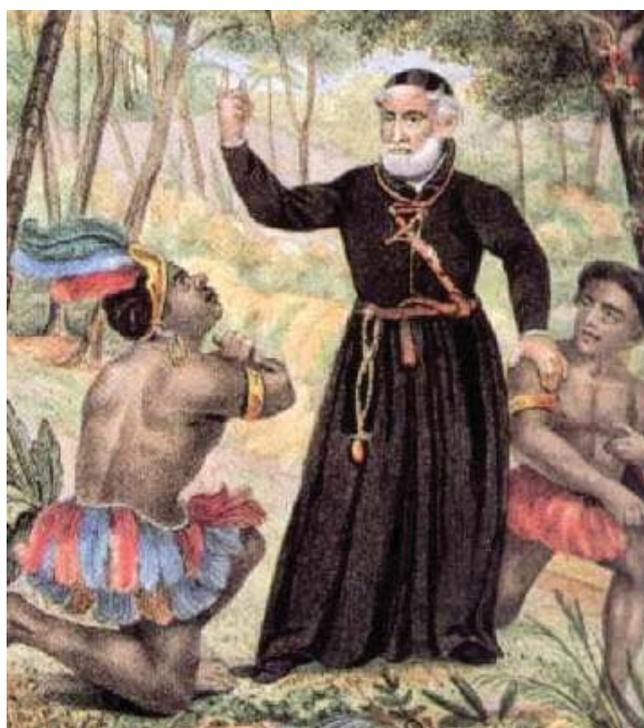
eram fixas e imutáveis. O que você entende por Identidade Nacional? Para melhor entender esse conceito, vamos retomar alguns conhecimentos sobre o século XVIII e a formação dos Estados-Nação. Hobsbawn (1994) afirma que, somente a partir do século XVIII, a nação moderna começou a assumir uma feição mais própria com a formação dos Estados-Nação. Com o desenvolvimento do iluminismo e o crescimento das cidades e dos impérios, surgiu a necessidade de centralização administrativa das nações, de modo que todos os habitantes, fossem eles nascidos no próprio território ou moradores de terras ocupadas, deveriam ter obediência ao mesmo governante. Precisariam, dessa forma, seguir as mesmas leis e a mesma língua. Pode parecer algo muito simplório, mas foi um momento em que se tornou necessária a criação e o fortalecimento de um sentimento de nação e de pertencimento. A identidade nacional se tornava, dessa forma, essencial para a obediência dos súditos aos seus governantes, tendo sido fundamental para, por exemplo, que os padrões de alfabetização universais em torno de uma língua vernacular pudessem ser implantados.



<http://theidproject.org>

O desenvolvimento de um sistema educacional colocou a língua nacional “como o meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais, como, por exemplo, um sistema educacional nacional”(HALL, 2011, p. 49). Para exemplificar a necessidade mundial verificada no século XVIII pelo fortalecimento da identidade nacional, podemos citar a expulsão dos jesuítas, no Brasil, em 1759. Vocês lembram desse fato histórico? Por que os Jesuítas foram expulsos das terras brasileiras e demais colônias portuguesas?

Na tentativa de fortalecimento da coroa portuguesa, o marquês de Pombal, ministro de D. José I, mantinha o diálogo com os jesuítas para que utilizassem o português como língua de comunicação com os índios. Com a resistência da Companhia de Jesus em atender às solicitações da Coroa Portuguesa e a manutenção do ensino a partir do tupi-guarani, o marquês de Pombal, através do Alvará de 1759, determinou a expulsão de todos os jesuítas do território brasileira, acusando-os de serem responsáveis por todo o atraso e retrocesso verificado na colônia brasileira. Não se podia permitir, naquele momento importante de centralização e absolutismo, que o sentimento de aproximação a Portugal, facilitado pela homogeneização no uso da língua, pudesse ser abalado pela desobediência às ordens da Coroa (SANTOS, 2010).

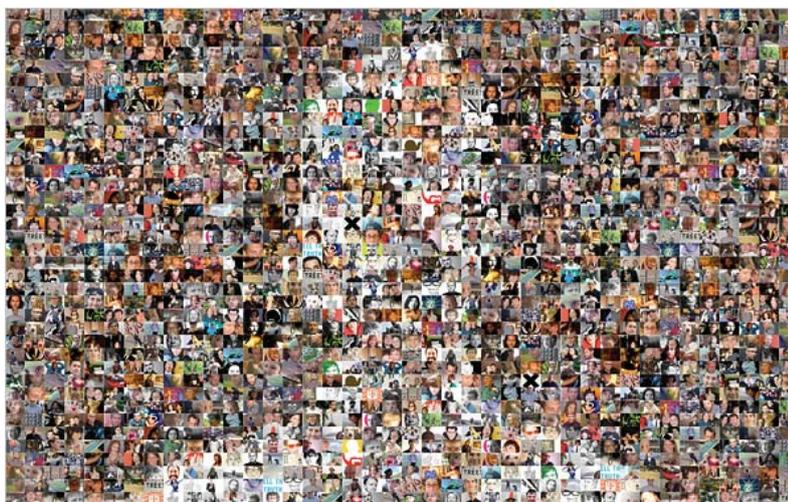


<https://historiapratodomundo.files.wordpress.com/>

A língua se mostrava, dessa forma, de grande importância para o estreitamento de laços entre o Brasil e Portugal e para que o sentimento de pertencimento pudesse ser construído. É importante, no entanto, destacar que não é simplesmente o compartilhamento do mesmo idioma que faz com que o sentimento de nação seja verificado. De acordo com Renan (1997), o que dá a uma nação a sua unidade e coesão não é a língua, nem a raça ou a geografia. O sentimento de nação é dado pela vontade de pertencer a um grupo, é o sentimento de fazer parte que faz com que as pessoas se sintam ligadas às suas nações, e, para a construção desse sentimento, a língua exerce um papel importante.

O homem não é escravo nem de sua raça, nem de sua língua, nem de sua religião nem do curso dos rios nem da direção das cadeias de montanhas. Uma grande agregação de homens, sã de espírito e quente de coração, cria uma consciência moral que se chama nação. Tanto que esta consciência moral prova sua força pelos sacrifícios que exige a abdicação do indivíduo em proveito de uma comunidade, ela é legítima, ela tem o direito de existir (RENAN, 1997, p. 175).

Em pleno século XXI, a identidade nacional não se constitui mais em algo a ser sonhado e de urgente consolidação, uma vez que as brigas mundiais pelos territórios estão mais atenuadas. Com a globalização, as barreiras geográficas não mais dizem quem são as pessoas, quais seus gostos e quais seus limites. A globalização abalou a posição anteriormente ocupada pelas identidades nacionais, demonstrando que, pelo contato com várias pessoas e culturas, as identidades se tornaram fluidas e deslocadas, em um verdadeiro processo de identificação, que necessita ser estudado e compreendido. “As ‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas” (BAUMAN, 2005, p. 19). Da mesma forma que compreendemos, na aula anterior, que a cultura é aprendida, a identidade também pode ser, pois o contato com novas culturas faz com que internalizemos algumas práticas, em decorrência da identificação verificada, diferentemente do processo verificado para a construção da identidade nacional, já que esta é fixa e imutável.



<http://sites.duke.edu>

A cultura nacional tratava todos como iguais, independente de classe social, gênero e raça, em um processo de unificação que subordina, a duras penas, as variantes menos privilegiadas, em nome de um bem comum. A pós-modernidade e a globalização, ao passo que encurtaram as distâncias,

possibilitaram infindáveis trocas culturais e processos de identificação com culturas distintas, anteriormente fora de alcance. As relações sociais, culturais e econômicas com diversas culturas geram indivíduos com múltiplas identidades fragmentadas e fluidas, que se adequam a determinados espaços e contextos e que são influenciadas pelas contínuas interações sociais. Tal panorama criou condições propícias para o deslocamento do sujeito outrora centrado e imutável.



<https://kidswithgun.files.wordpress.com>

Pode-se afirmar então, que as identidades modernas, consolidadas com o iluminismo, estão sendo ‘descentradas’, deslocadas e fragmentadas. “As sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente”(HALL, 2011, p. 14). As inquietações do sujeito não mais perpassam pelas questões sobre o que é nação e o que é nacionalismo, típicas de uma época de fortalecimento das identidades nacionais. O contato com outras culturas fez e faz o homem refletir, constantemente, sobre o seu papel na sociedade, seus anseios e seus sonhos, de modo que o processo de identificação passa a ser contínuo e permanente. Para Moita Lopes (2006, p. 32), o indivíduo se torna consciente de si, na medida em que se torna consciente do outro, de modo que “o que somos, nossas identidades sociais, portanto, são construídas por meio de nossas práticas discursivas com o outro”, o que faz com que a construção da identidade seja um processo social contínuo, sempre em processo e dependente das relações e interações estabelecidas com o outro.



<http://www.laselecta.org>

Você percebeu que, com o efeito da globalização, as distâncias foram encurtadas e a quantidade de interações sociais foi aumentada, uma vez que não se pode mais restringir os contatos sociais à proximidade geográfica? Leia o texto complementar abaixo sobre uma teoria chamada *Six degrees of separation* e perceba como, de acordo com a teoria levantada, podemos entrar em contato com qualquer pessoa do mundo através do contato estabelecido com seis pessoas.

Are we really all connected by just six degrees of separation?
Here's what science has to say.
FIONA MACDONALD 27 AUG 2015

Most of us are familiar with the concept of six degrees of separation - the idea is that anyone in the planet can be connected to anyone else in just six steps. So through just five other people, you're effectively connected to the Queen of England, Tom Cruise, or even a Mongolian sheep herder. But is there actually any science to back up this commonly cited theory? Derek Muller investigates in the latest episode of Veritasium.

If you just take a look at the numbers, the six degrees of separation idea seems pretty plausible. Assuming everyone knows at least 44 people, and that each of those people knows an entirely new 44 people, and so on, the maths shows that in just six steps everyone could be connected to 44^6 , or 7.26 billion people - more than are alive on Earth today.

But is there any experimental evidence to show that's the case in IRL social groups? As Derek explains, the whole basis of the theory came from a 1929 short story called Chains, in which one of the characters challenges the others to find another person on Earth that he can not connect himself to through fewer than five intermediaries.

This idea wasn't scientifically tested until the 1960s, when a psychologist sent 300 packages out to people in Nebraska and Boston, and asked them to use their networks to get them back to one specific target - a stockbroker living in Boston. They weren't asked to forward it to him directly, but to send it to someone they knew on a first name

basis, with instructions for that person to forward it on to someone in their network that they thought might know the stockbroker.

Only 64 of those packages actually reached the target, with an average path length of just 5.2 intermediary connections, and this experiment was used as evidence for six degrees of separation, or the 'small world phenomenon', as the researcher called it.

But Derek dug a little deeper and found that, of the original 300 packages, 100 were sent to people already living in Boston (where the target also lives) and 100 were sent to stockbrokers who shared a profession with the target, so there were really only 100 purely random packages sent out. And of those 100, only 18 made it back to the target. "So we're talking about a sample size of 18 is all the evidence there was for six degrees of separation," Derek explains.

But that doesn't mean it doesn't exist. The real breakthrough came a few decades later thanks to a college game called 'Six Degrees of Kevin Bacon', where students had to try and link any actor to Kevin Bacon via their co-stars in six steps or less (usually after smoking a whole lot of weed, we can only assume).

The huge volumes of data collected by the game allowed sociology researchers to analyse exactly how interconnected Hollywood actors really are, and they found that six degrees of separation does indeed appear to exist, but it's people's random acquaintances, not their friends, that are the key to all of this.

<http://www.sciencealert.com/are-we-all-really-connected-by-just-six-degrees-of-separation>



ACTIVITY

Leia o texto *Are we really all connected by just six degrees of separation?*, de Fiona Macdonald (2015), bem como o vídeo no youtube *The Science of Six Degrees of Separation*, que pode ser encontrado, por exemplo, no site <https://www.youtube.com/watch?v=TcxZSmzPw8k>. Logo após, escreva um texto de, no máximo 20 linhas, fazendo uma correlação entre a teoria apresentada e os efeitos da globalização.

COMMENTS ON THE ACTIVITY

Leia todo o conteúdo apresentado até o momento e assista o vídeo proposto atentamente. Utilize o dicionário apenas quando as palavras não puderem ser compreendidas no contexto apresentado. Em caso de dúvidas, procure o seu tutor e peça mais esclarecimentos.

Ao falar sobre a importância das relações sociais para o estabelecimento das identidades, é importante destacar as interações presenciadas na sala de aula, e, ao analisar a influência que os professores têm sobre seus alunos, no contexto social estabelecido em sala de aula, Moita Lopes (2006) destaca a

existência de identidades sociais múltiplas em todas as comunidades, sejam elas na escola ou fora dela.

As mesmas pessoas são inscritas em práticas discursivas diferentes por meio de identidades sociais diferentes e contraditórias. O poder atravessa a sociedade em diferentes direções, dependendo das relações sociais nas quais as pessoas se envolvem por meio de diferentes práticas discursivas [...]. As identidades sociais de classe social, gênero, sexualidade, raça, idade, profissão etc. são simultaneamente exercidas pelas mesmas pessoas nas mesmas ou em práticas discursivas diferentes. Uma pessoa pobre não é só pobre, mas também é uma mulher ou um homem, heterossexual ou gay/lésbica, preto ou branco, jovem ou velho, deficiente físico ou não, norte-americano ou sul-americano, falante de uma variante hegemônica ou não, professor ou aluno etc. [...]. A escolha de nossas múltiplas identidades não depende de nossa vontade, mas é determinada pelas práticas discursivas, impregnadas pelo poder, nas quais agimos embora possamos resistir a essas práticas (MOITA LOPES, 2006, p. 36-37).

Por estarmos envoltos em práticas sociais discursivas que nos influenciam constantemente na nossa tomada de decisões e nas preferências, opiniões e gostos que passamos a ter, é importante analisarmos o papel do professor nesse processo contínuo de formação de identidades. A escola representa umas das esferas nas quais as interações sociais podem exercer influência na formação da identidade dos indivíduos e nas quais se percebe um jogo de poder, de modo que “as visões que os alunos estão construindo e relação as suas identidades sociais podem estar sendo influenciadas pelos discursos de identidade gerados na sala de aula” (MOITA LOPES, 2006, p. 43). Não podemos utilizar nosso poder frente às turmas de alunos, para moldá-los segundo as nossas opiniões e anseios, em um verdadeiro processo de colonização de mentes (LEFFA, 2006). Por isso, é fundamental que tais discussões sejam levantadas, com o objetivo de fazer com que o professor comece a refletir sobre a natureza socioconstrucionista do discurso e, conseqüentemente, da identidade, fundamental para que qualquer processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira possa ser estabelecido de forma saudável (MOITA LOPES, 2006).



<http://farm5.staticflickr.com>

Com as pesquisas sobre os efeitos da globalização e a constatação da existência de identidades fluidas, deslocadas e fragmentadas, autores como Hall (2011) e Bauman (2005) atestam que a identidade é formada no inconsciente, não sendo, dessa forma, adquirida com o nascimento. “Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’. [...] Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação” (HALL, 2011, p. 38-9), conforme destacamos anteriormente.



<http://psychologicadisorders.weebly.com>

Mas será que podemos dizer que as identidades nacionais acabaram com a percepção das unidades fluidas e descentradas da pós-modernidade? Será que não existe mais nenhum tipo de sentimento que nos une à terra na qual nascemos? A resposta é óbvia! As identidades nacionais não acabaram. Existem momentos em que as identidades nacionais causam maior identificação do que quaisquer outras interações sociais e culturais às quais estamos sujeitos. Todas as vezes que estamos diante de competições internacionais, nosso sentimento com o nosso país é mais acentuado. Vestimos a camisa que representa nossa nacionalidade, empunhamos nossas bandeiras e cantamos os nossos hinos com amor a nossa pátria. A mesma situação é observada quando estamos em período eleitoral e defendemos o partido X ou Y, ou o candidato Z ou W. Imbuídos de um sentimento de busca pelo melhor para a nossa comunidade, defendemos as ideias de fortalecimento municipal, estadual e nacional com muito fervor. O que devemos ter em mente, no entanto, é o fato de que

As identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres do jogo de poder, de divisões e contradições internas, de lealdades e de diferenças sobrepostas. Assim, quando vamos discutir se as identidades nacionais estão sendo deslocadas, devemos ter em mente a forma pela qual as culturas nacionais contribuem para ‘costurar’ as diferenças numa única identidade” (HALL, 2011, p. 65).

Percebemos que temos um sentimento forte que nos une a nossa nação, mas não podemos nos esquecer de que essa nação é também idealizada e não homogênea, já que engloba indivíduos com interesses diferentes, bem como raças e classes sociais distintas, o que faz com que alguns indivíduos se sintam mais ou menos identificados com suas nações, podendo-se, inclusive, ter casos em que a identificação com outras nações é mais forte do que com a do país no qual nascemos.



ACTIVITY

Acesse o site www.youtube.com e procure os seguintes vídeos:

1. *Desperate Housewives 6x12 "You Gotta Get a Gimmick" Sneak Peek #1: Mexican* (sugestão de link: <https://www.youtube.com/watch?v=VehJeNrGV3c>)
2. *Desperate Housewives 6x12 "You Gotta Get a Gimmick": Mexican Moment* (sugestão de link: <https://www.youtube.com/watch?v=GuzAancwWnI>)

Assista essas duas cenas do episódio do seriado *Desperate Housewives: "You gotta get a gimmick"* (Season 6 Episode 12). Preste atenção às cenas nas

quais Gabriele e Carlos Solis tentam matricular sua filha Juanita Solis em uma escola pública e as conversas entre marido e mulher após a entrevista, com o diretor da escola, e responda as questões abaixo:

- Por que Juanita Solis ficou tão surpresa quando descobriu que era mexicana?
- Qual a percepção que Juanita tinha sobre os Mexicanos?
- Por que Gabriele Solis se mostrou tão resistente a matricular Juanita em uma escola com crianças mexicanas, de acordo com seu marido?
- Na sua percepção, por que Juanita não percebeu que seus traços físicos não eram semelhantes aos dos colegas norte-americanos sem descendência mexicana?



<https://s-media-cache-ak0.pinimg.com>

COMMENTS ON THE ACTIVITY

Releia todo o conteúdo apresentado até o momento e analise a diferença entre a identidade nacional e as identidades múltiplas e deslocadas. Analise os contatos que Juanita tinha, ou não, com as pessoas mais próximas e da exposição às tradições mexicanas pelos pais. Em caso de dúvidas, procure o seu tutor e peça mais esclarecimentos.

Ao analisar a maior identificação da família Solis, conforme verificado no episódio indicado, com a cultura norte-americana, em detrimento da cultura mexicana, percebemos como a identificação cultural exerce uma força muito forte sobre o indivíduo, a ponto de fazer com que nos sintamos mais pertencentes a uma cultura diferente daquela compartilhada por muitos que vivem no nosso país de origem.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas —desalojadas —de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem ‘flutuar livremente’. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse efeito de ‘supermercado cultural’ (HALL, 2011, p. 75).

Os indivíduos, hoje em dia, vivem em verdadeiros supermercados culturais, como atesta Hall (2011) ou, como define Bauman (2005), comunidades guarda-roupa. Um sistema que permite a troca de identidades de um mesmo indivíduo de forma rápida e dependente da situação ou contexto. Assim, um professor de língua estrangeira precisa estar ciente desse processo de identidades múltiplas e fluidas, uma vez que o aprendizado é uma experiência identitária e, como tal, totalmente impregnado dos elementos culturais aos quais estamos expostos. Por supermercado cultural, entende-se a situação em que somos expostos a uma gama de situações, fatos, músicas, filmes, crenças, etc e que todas essas opções funcionam como verdadeiros produtos expostos nas prateleiras de supermercados. A cada nova visita a essas prateleiras, selecionamos os produtos que mais nos atraem e passamos a “usá-los”, por serem, agora, “nossos”. É através desses supermercados culturais que encontramos pessoas que gostam de bandas de outros países, que seguem crenças não características de seus lugares e que interagem com pessoas de outras localidades, sendo essas pessoas unidas por laços de identificação.

O termo Comunidades Guarda-roupa foi utilizado por Bauman (2005) ao se referir ao mesmo fenômeno retratado por Hall (2011) como supermercado cultural. Segundo Bauman (2005), ao entrar em contato com os produtos culturais aos quais somos expostos, acabamos por pendurá-los nos cabides dos nossos guarda-roupas culturais, e, da mesma forma que trocamos de roupa com grande frequência, nossas identificações se remodelam e se ajustam e acabamos trocando também as preferências culturais, nesse contínuo processo de identificação e de sentimento de pertencimento.

Qualquer evento espetacular ou escandaloso pode se tornar um pretexto para fazê-lo: um novo inimigo público elevado à posição de número 1; uma empolgante partida de futebol; um crime particularmente “fotogênico”, inteligente ou cruel; a primeira sessão de um filme altamente badalado; ou o casamento, divórcio ou infortúnio de uma celebridade atualmente em evidência. As comunidades guarda-roupa são reunidas enquanto dura o espetáculo e prontamente desfeitas quando os espectadores apanham

os seus casacos nos cabides. Suas vantagens em relação à “coisa genuína” são precisamente a curta duração de seu ciclo de vida e a precariedade do compromisso necessário para ingressar nelas e (embora por breve tempo) aproveitá-las (BAUMAN, 2005, p. 37).

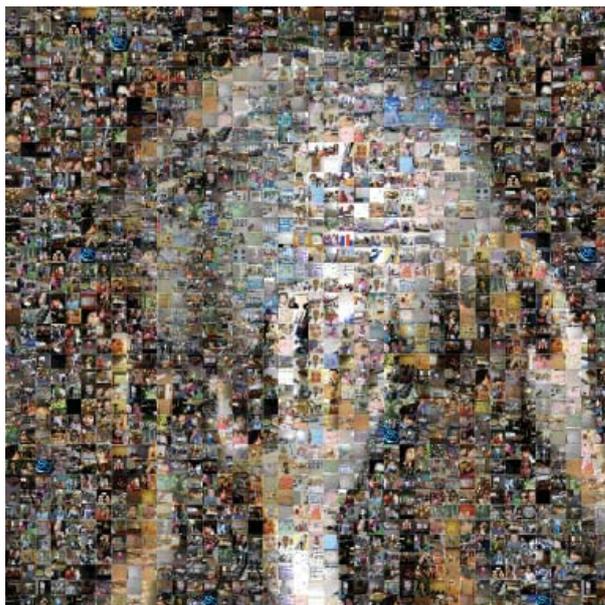


<https://d112vpovu2xa8r.cloudfront.net>

O consumismo, mencionado por Hall (2011), faz com que os gostos sejam compartilhados, assim como os interesses por novos *hobbies* e produtos sejam intensificados e, nesse contexto, as diferenças que eram características de comunidades e identidades específicas acabam por se tornar inexistentes, em um verdadeiro processo de “homogeneização cultural”. Segundo o autor, a associação de que seremos todos pertencentes a um único bloco culturalmente homogeneizado é, no atual mundo pós-moderno, muito simplista, exagerada, unilateral e desconsidera o constante processo de busca por novas identificações, bem como um outro processo que acontece simultaneamente, de resistência e de reforço das tradições. Ao invés de temermos uma homogeneização cultural maciça, é muito mais sensato pensarmos em termos de acomodações e adaptações, de modo que muitos produtos culturais serão traduzidos para as realidades das mais diversas comunidades expostas a tais produtos.



<https://image.freepik.com>



<http://youthoftheworld.org>

E você? Acredita que o poder da globalização tem esse caráter homogeneizador inevitável, de modo que todo o mundo tenderá a seguir os mesmos padrões culturais? Ou, para você, o poder homogeneizador terá um convívio harmonioso com a resistência à manutenção de certos costumes e a um processo paralelo de tradução cultural? Parece que a segunda opção é a mais plausível, e é esta que observamos no nosso dia a dia. Para Hall (2011, p. 78), “parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. É mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, novas identificações ‘globais’ e *novas* identificações ‘locais’”.



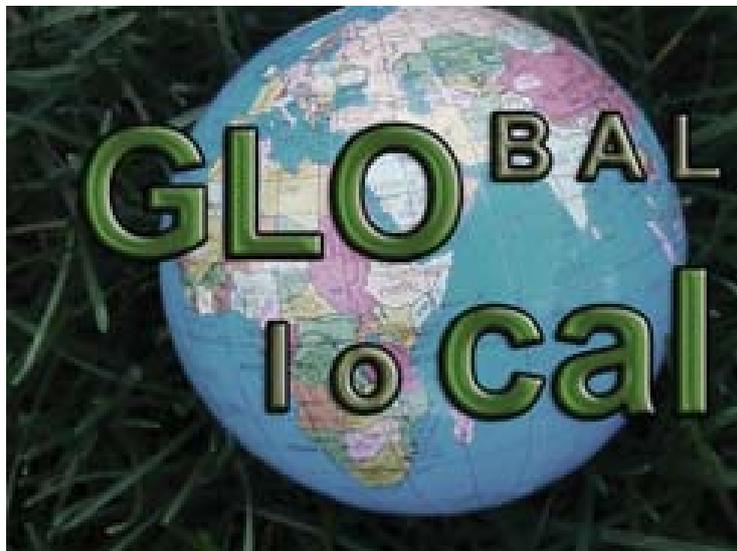
<http://glocal-team.com/>

Para vários autores, como, por exemplo, Hall (2011), o poder ocidental de imposição de produtos encontra resistência na valorização do que é local. “Ao lado da tendência em direção à homogeneização global, há também uma fascinação com a diferença e com a mercantilização da etnia e da ‘alteridade’. Há, juntamente com o impacto do ‘global’, um novo interesse pelo ‘local’” (HALL, 2011, p. 77). Tem-se, dessa forma, uma verdadeira

tensão entre o "global" e o "local" no processo de transformação das identidades, de modo que o global e o local se misturam e uma adaptação pode ser verificada. Para alguns autores, esse processo de adaptação ou tradução é chamado de “Glocalização”



<http://www.ukcco.org>



<http://www.wisynod.org>

Global culture should not be treated monolithically as "unified" or as a "socializing institution" into which local cultures integrate, but as a contradictory phenomenon, which entails a dialectical relationship between the global and the local. To describe this process, Robertson (1995) has coined the term "glocalization," which he describes as "the universalization of the particular and the particularization of the universal." This view of glocalization assumes a dynamic negotiation between the global and the local, with the local appropriating elements of the global which are of use, while employing at the same time strategies to retain its identity (KOUTSOGLANNIS; MITSIKOPOULOU, 2004, p. 86).

Ao pesquisar sobre os efeitos do local e o fenômeno da glocalização, Robertson (1995) destaca que é inevitável o poder influenciador das mensagens culturais emitidas pelo ocidente, com especial destaque para os Estados Unidos. Mas essa absorção do que vem do ocidente pode ser feita

de formas diferentes, e é essencial que analisemos os modos pelos quais esse processo pode ser observado, sem desconsiderar, por outro modo, que, ao lançar seus produtos globais, o mercado local também é analisado pelas empresas, com o objetivo de levar a um maior número de adeptos possível. Para exemplificar, o autor utiliza o exemplo hollywoodiano.

We have to realize that the major alleged producers of ‘global culture’ – such as those in Atlanta (CNN) and Los Angeles (Hollywood) – increasingly tailor their products to differentiated global Market (which they partly construct). For example, Hollywood attempts to employ mixed, ‘multinational’ casts of actors and a variety of ‘local’ settings when it is particularly concerned, as it increasingly is, to get a global audience (ROBERTSON, 1995, p. 38).

Os conceitos debatidos nesta aula foram compreendidos? Se você ainda tiver dúvidas, leia novamente o material, e entre em contato com o seu tutor. Vamos fazer uma atividade para revisar o que foi aprendido?



ACTIVITY

Sintetize em, no máximo, 3 linhas, os seguintes conceitos estudados na aula 2:

a. Identidade	
b. Supermercado Cultural	
c. Comunidades guarda-roupa	
d. Sentimento de pertencimento	
e. Globalização	
f. Glocalização	
g. Homogeneização Cultural	

COMMENTS ON THE ACTIVITY

Antes de definir os termos acima, releia todo o material e tire dúvidas com o seu tutor. Não é necessário transcrever o que foi dito nesta aula. Com base no seu entendimento, responda da forma que os conceitos foram entendidos.

Como exemplos de produtos globais que foram adaptados e traduzidos para a realidade local, temos dois estabelecimentos criados tendo como base

a cadeia de *fast food* *McDonald's*, mas com um *layout* e linguajar próprios da região. Confira as imagens abaixo e perceba as adaptações que foram feitas.



<http://www.jornaldelondrina.com>



<http://kdimagens.com>

Através de uma análise sobre os efeitos da globalização e da força homogeneizadora do ocidente sobre o resto do mundo, pode-se perceber que não houve uma assimilação total nesses restaurantes, e sim uma

tradução para a realidade local. Trata-se, dessa forma, de uma glocalização. O glocal também pode ser percebido quando analisamos o *McDonald's* em diferentes partes do mundo, uma vez que, apesar de se constituírem em franquias, os cardápios possuem algumas adaptações para a região na qual o estabelecimento é aberto.



<http://vejasp.abril.com.br>



<http://vejasp.abril.com.br>



<http://vejasp.abril.com.br>



<http://vejasp.abril.com.br>



<http://vejasp.abril.com.br>

LE PETIT McBAGUETTE™



<http://www.ilikewantneed.com>

Analisando o que já estudamos nessa aula, você percebeu o poder que a globalização exerce nos processos de (re)construção identitária? É importante destacar, no entanto, que as influências que uma nação impõe sobre as demais segue uma direção de fluxo considerada como “desequilibrada”, por Hall (2011), em decorrência da notória desigualdade na relação de poder, observada do Ocidente para o “Resto”. Dessa forma, apesar de, por definição, percebermos que a globalização afeta todo o mundo, o fenômeno observado é essencialmente ocidental.



<https://media.licdn.com>

Algumas considerações podem ser feitas em relação ao conceito de “Tradução”, já destacado nessa aula, uma vez que representa a situação vivenciada pelas identidades encontradas nas pessoas que participaram por diásporas, ou seja, que foram dispersadas de suas terras de origem, geralmente de forma permanente e para os países que outrora havia sido seus colonizadores. É notório o forte vínculo dessas pessoas com “seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades” (HALL, 2011, p. 88).

As pessoas pertencentes a essas *culturas híbridas* têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural “perdida” ou de absolutismo étnico. Elas estão irrevogavelmente traduzidas. [...] Eles são o produto das novas diásporas criadas pelas migrações pós-coloniais. Eles devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas (HALL, 2011, p. 89).

O sonho pelo retorno ao local de origem é, na realidade, uma idealização, pois as pessoas, os lugares e as tradições deixadas para trás também sofreram influências por diversas interações estabelecidas pelos membros das comunidades, e as pessoas e os lugares já não são os mesmos. O processo de globalização e glocalização é contínuo e afeta as identidades de forma constante e rápida.

Ao final dessa aula, compreendemos a associação que pode ser feita entre cultura e identidade, bem como a influência da globalização e da glocalização na reconstrução identitária. Na próxima aula, vamos estudar o conceito de multiculturalismo, e a sua aplicação em países como o Canadá e a Austrália.

CONCLUSION

Assim, finalizamos a nossa segunda aula.

Após os estudos aqui propostos, você está apto a perceber a importância do entendimento sobre o conceito de identidade para a prática diária de um professor de LE, no nosso caso, de LI. Diante da ciência de nosso papel nas interações sociais, através dos discursos estabelecidos em sala de aula, é muito importante que, nas discussões estabelecidas, o professor não tente impor a sua opinião e sim abra o debate para a troca de ideias e para a reflexão, sempre levando em consideração que a história única pode ser prejudicial para a formação de estereótipos.

Após as discussões aqui propostas, podemos perceber que o contato com o outro e com seus gostos, hobbies e interesses faz com que possamos nos identificar mais com músicas, filmes ou atividades, que antes não faziam parte do nosso cotidiano, e que essa identificação não se constitui em falta de personalidade. Com as interações que passamos a ter ao longo da vida, as (re)construções identitárias se acentuaram e se tornaram mais evidentes.

Lembramos, mais uma vez, que atividades extras e complementares poderão ser postadas pelo seu professor na plataforma do seu curso.

Bons estudos e um ótimo desempenho a todos!!



SUMMARY

A nossa segunda aula teve por finalidade de apresentar a definição de identidade, relacionando-a ao termo globalização. Pudemos perceber que, com a intensificação das interações, proporcionadas, principalmente, pelos meios de comunicação e internet, ficou mais fácil termos trocas culturais frequentes, de modo que, diante das inúmeras opções de produtos culturais, acabamos por nos identificar com alguns, em detrimento de outros, mesmo

que essa identificação seja efêmera. Baseados nessa constatação, compreendemos os termos supermercado cultural e Comunidades guarda-roupa, que se referem às inúmeras opções culturais às quais somos expostos (as), diariamente, e o modo pelo qual “compramos” ou “vestimos” algumas, até que outro interesse surja e partamos para um novo “produto” ou “vestuário”.

Ao comparar a identidade nacional com as identidades múltiplas e fragmentadas da pós-modernidade, percebemos que a motivação do século XVIII era para a unificação dos estados-nação, em torno da língua vernacular, o que fez com fosse importante inculcar valores nos cidadãos, relacionados ao amor e fidelidade à pátria. Essa era a única identidade conhecida. Com a globalização, e a constatação de que as barreiras geográficas já não eram campos de guerra, as interações sociais fizeram com que novos interesses surgissem, e processos de identificação fossem vivenciados, o que levou a um momento de (re) construção contínua das identidades, que se tornaram líquidas, fluidas, fragmentadas e deslocadas.

Ao falarmos em globalização, estudamos a dualidade entre globalização e glocalização e as preocupações sobre uma possível homogeneização cultural global. O poder homogeneizador do ocidente faz com que as nações incorporem produtos, que passam a fazer parte do dia a dia da população, mas, ao mesmo tempo, é verificada uma resistência, que faz com que os interesses locais sejam fortalecidos e uma adaptação seja observada. Assim, muitos produtos, sejam eles físicos ou culturais, são adaptados para a realidade local, em um movimento conhecido por glocalização.

Após o entendimento do processo contínuo de identificação e de busca por pertencimento, estamos prontos para estudar a diferenciação entre alguns termos, tais como multiculturalismo, interculturalidade e transculturalidade.



SELF-EVALUATION

Sou capaz de compreender os conceitos de identidade?

Sou capaz de discutir termos pertinentes ao tema, como, por exemplo, supermercado cultural e comunidades guarda-roupa?

Sou capaz de analisar os efeitos da globalização e da glocalização para a sociedade e para nossas práticas educativas?

Sou capaz de compreender de que forma as discussões sobre cultura e identidade impactam nas práticas educacionais estabelecidas nas aulas de LE?



NEXT CLASS

Na nossa próxima aula, cujo tema será *Multiculturalismo: a diversidade cultural em foco*, nós vamos apresentar o conceito de multiculturalismo, destacando os modelos encontrados no Canadá e na Austrália.

REFERENCE

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011.
- HOBSBAWM, Eric J. **Nations and Nationalism since 1780**, Cambridge, Cambridge University Press, 1994.
- KOUTSOGIANNIS, Dimitris; MITSIKOPOULOU, Bessie. The internet as a glocal discourse environment. **Language Learning & Technology**. September 2004, Volume 8, Number 3, pp. 83-89. In: <http://llt.msu.edu/vol8num3/koutsogiannis/>. Acesso em 30 de janeiro de 2016.
- LEFFA, V. Língua estrangeira hegemônica e solidariedade internacional. In: _____. KARWOSKI, A. M.; BONI, V. de F. C. V. (Org.). **Tendências contemporâneas no ensino de inglês**. União da Vitória, PR: Kaygange, 2006. p. 10-25.
- MACDONALD, Fiona. **Are we really all connected by just six degrees of separation?** Here's what science has to say. In: <http://www.sciencealert.com/are-we-all-really-connected-by-just-six-degrees-of-separation>, 2015. Acesso em 10 de junho de 2016.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2006.
- RENAN, Ernest. O que é uma nação. Tradução: Samuel Titan Jr. Plural. **Sociologia**, USP, São Paulo: 4: 154-175, 1. sem, 1997.
- ROBERTSON, Roland. Glocalization: time-space and homogeneity-heterogeneity. In: FEATHERSTONE, Mike; SCOTT, Lash; ROBERTSON, Roland (Eds.) **Global modernities**. London: Sage Publications, 1995.
- SANTOS, Elaine Maria. As reformas pombalinas e as gramáticas inglesas : percursos do ensino de inglês no Brasil (1759-1827). Dissertação (Mestrado em Letras) – **Núcleo de Pós-Graduação em Letras, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa**, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2010.